

Ele é um mito. Escolheu a vida heróica e a defesa dos mais pobres nos confins da Amazônia, por isso foi preso, presenciou a tortura e o assassinato, sofreu cinco processos de expulsão do país, foi jurado de morte, escapou de tocaias, respondeu a inquérito militar (os óculos arrancados e dezesseis horas de humilhante interrogatório), um núncio e um arcebispo recomendaram que fosse expulso da Igreja (dom Carmine Rocco e dom Geraldo Sigaud) por ser "subversivo". De uma coragem colossal, tem 1,70 metro de altura e pesa 52 quilos. Nasceu na Catalunha e está há trinta anos no Brasil, no mesmo palácio episcopal – uma casinha de adobe caiada de branco – de sua prelazia (diocese de poucos recursos, na linguagem eclesiástica) de São Félix do Araguaia, no sertão de Mato Grosso. Sagrou-se bispo com a mesma e verdadeira humildade do missionário: à beira do rio Araguaia, substituindo os emblemas episcopais, mitra e báculo, por um chapéu de sertanejo e um remoborduna de pau-brasil, feito pelos índios tapirapés.

Guerrilheiro desarmado, crítico intransigente do latifúndio e do neoliberalismo, de um bom humor contagiante, tem mais de quarenta livros publicados em oito idiomas – sobre teologia, política e as obras poéticas. Porque, além de tudo, ele ainda por cima é poeta, de versos como este, confessional: "Sem utopia, a vida não vale a pena, nem a alegria".

Entrevistadores: Georges Bourdoukan, Roberto Freire, Ricardo Kotscho, João de Barros, Marina Amaral, Enlo Squeff, Sérgio de Souza (entrevista em 17/1/1998).

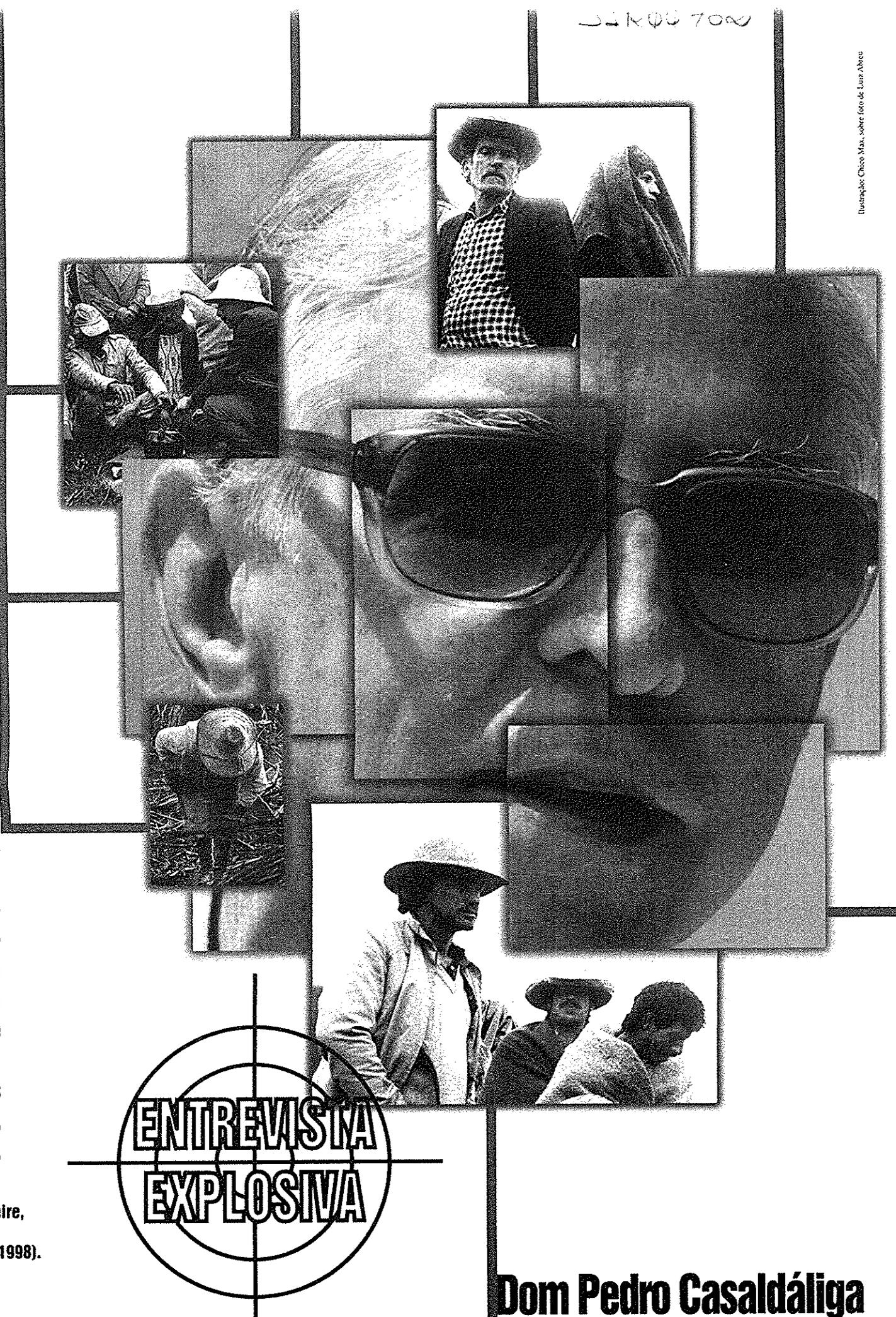
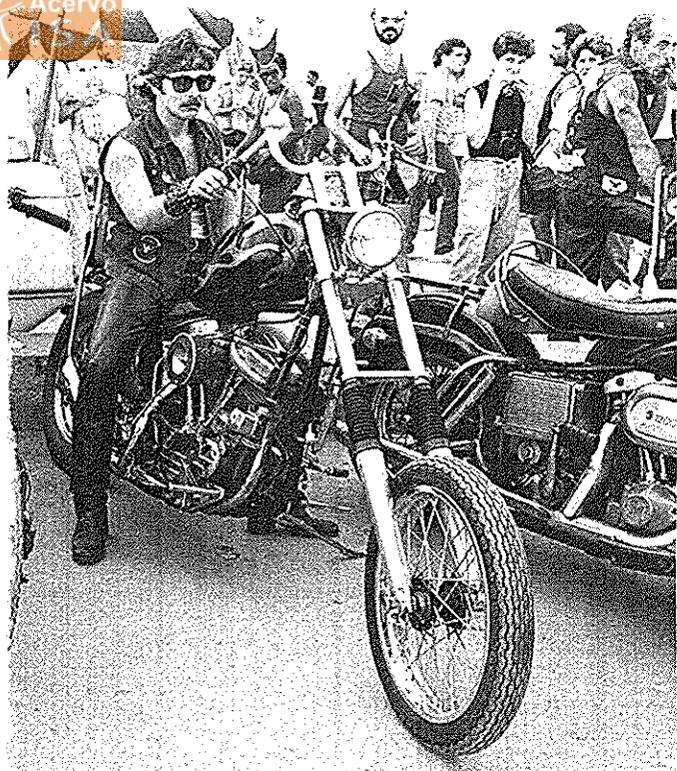


Ilustração: Chico Maia, sobre foto de Luiz Abreu

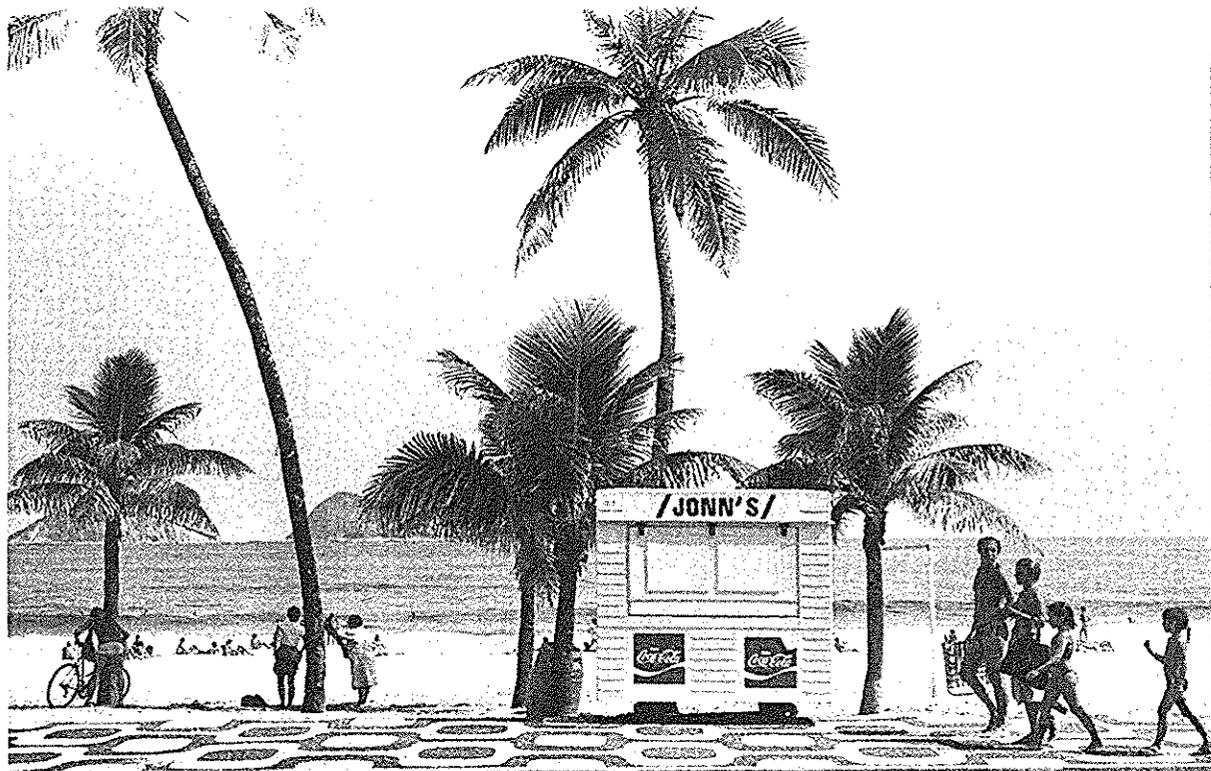
ENTREVISTA
EXPLOSIVA

Dom Pedro Casaldáliga

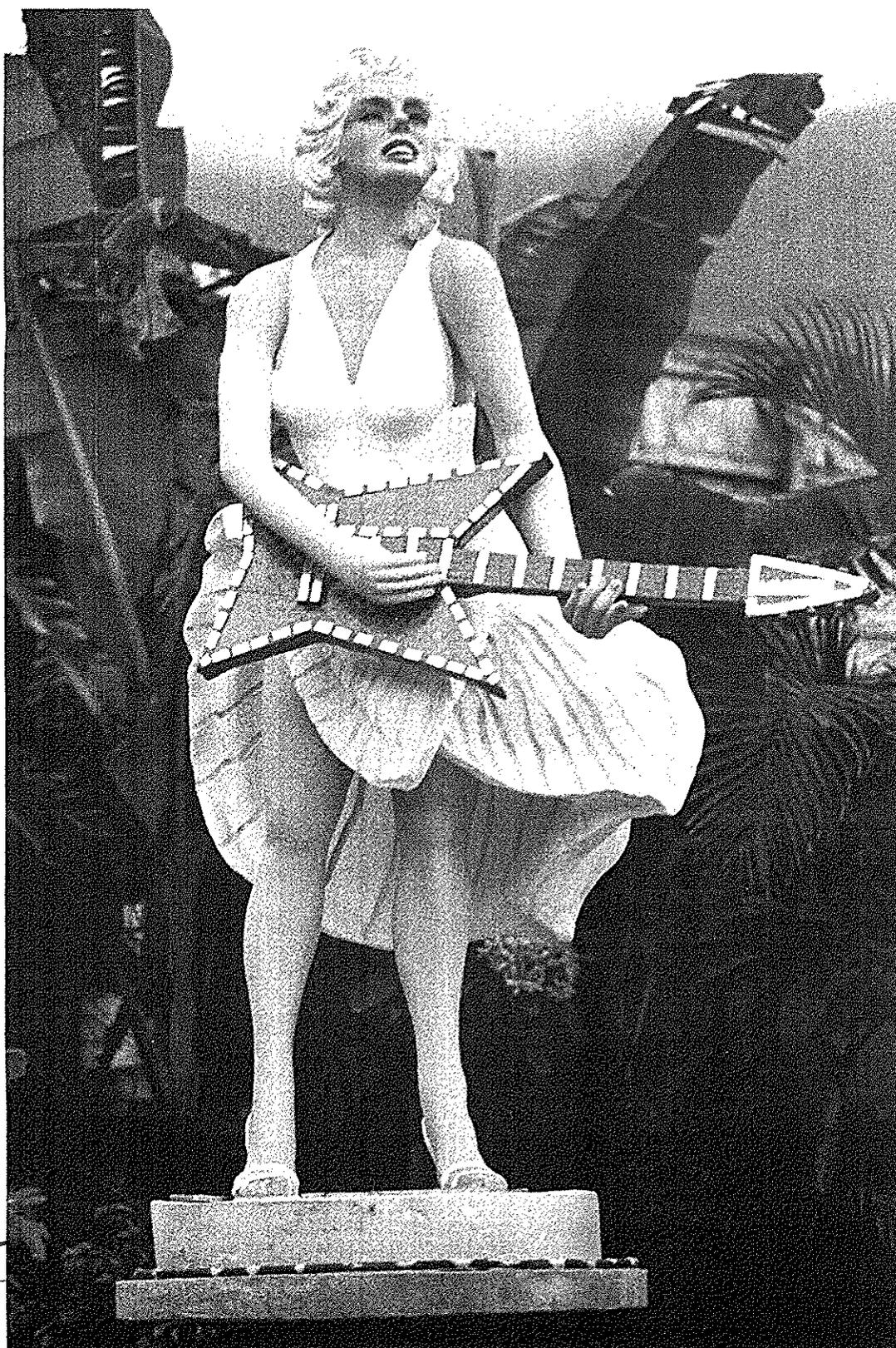
a coragem sublime



Rock in Rio Festival, Rio de Janeiro, RJ - 1985



Praia de Ipanema,
Rio de Janeiro, RJ - 1984



Marylin Monroe, danceteria
Mamão com Açúcar, Lagoa,
Rio de Janeiro, RJ - 1982

João de Barros - Quando combinamos a entrevista, por telefone, o senhor disse que a primeira pergunta tinha de ser se o senhor acredita em Deus.

Dom Pedro Casaldáliga - Eu sempre digo isso, porque muitos jornalistas perguntam pela superfície da gente. Esquecem de perguntar pela alma, pelo coração, pelas causas da gente. Quando eu estava em Brasília, um jornalista da revista *Geo* me entrevistou e a grande preocupação dele era saber que sabonete eu usava (*risos*); quis ver quantas camisas eu tinha. Por isso eu disse, vocês vão me perguntar se eu acredito em Deus.

Georges Bourdoukan - O senhor é bispo desde quando?
Dom Pedro Casaldáliga - Eu fui sagrado bispo em 1971.

Georges Bourdoukan - Por que o senhor não é cardeal ainda?

Dom Pedro Casaldáliga - Em primeiro lugar, honestamente, eu nem aceitaria. Porque em muitos aspectos o cardinalato substituiu demais ao episcopado. Nos primeiros séculos da Igreja ninguém ouviu falar em cardeais, o papa tinha pessoas que o secretariavam. O cardinalato se interpôs entre o papa e o colégio episcopal. Assim como uma figura bastante ambígua é a nunciatura. O nuncio é uma figura eclesiástica, mas por outro lado é um diplomata, representa o chefe de Estado. No fundo, a Igreja foi assumindo muitos jeitos, e gestos e hábitos. A primeira palavra, "diocese", é uma palavra político-administrativa, o império dividido em dioceses.

Roberto Freire - A hierarquia da Igreja é muito semelhante à hierarquia do Império.

Dom Pedro Casaldáliga - E os títulos. Por exemplo, eu acho ridículo chamar de "excelência", "excelentíssimo". Se alguém me chama de excelência, acho que estão gozando de mim. (*risos*) Como também não chamo o papa de Santíssimo Padre.

Georges Bourdoukan - O senhor encontra mais problemas dentro da Igreja ou dentro do governo, em relação ao trabalho que está fazendo?

Dom Pedro Casaldáliga - Eu encontro mais problemas na humanidade. Acontece que a Igreja está na humanidade, os problemas e soluções. Acho que a humanidade é um desastre e, simultaneamente, uma beleza. Quero dizer, é o melhor que Deus fez. Não sabemos se outros mundos serão descobertos algum dia. Então, a Igreja acontece na humanidade. E ao mesmo tempo é uma instituição, e como todas as instituições, tem problemas. Já de muitos séculos atrás a própria Igreja dizia ser uma *casta meretrix*, uma casta prostituta. Eu digo que a Igreja era virgem quando estava nas catacumbas; quando saiu se amasiou com o Império (*risos*) - com respeito e perdão pelas prostitutas. (*risos*) É uma instituição que tem tudo o que tem uma instituição, mas com um agravante: o secretismo, uma das coisas que me doem mais na Igreja é o secretismo. Vocês tiveram a entrevista com o Leonardo Boff, ele falava disso. E eu, uma vez, quando saía de uma das entrevistas com o cardeal Ratzinger, no Vaticano, um dos secretários de lá, que agora é cardeal, saiu ao meu encontro no elevador e me disse: "Dom Pedro, por favor, o senhor não vai falar com os jornalistas". Eu disse: "Espera aí. Eu sou adulto, e sou bispo, os senhores são bispos como eu também, se eu não falo com os jornalistas, os jornalistas vão ter que inventar, e vai ser pior. É muito melhor que eu fale o que eu acho, posso e devo falar, e tudo bem". Então, esse secretismo da Igreja faz mal, eu penso sempre que as instituições religiosas facilmente utilizam o segredo como arma de poder. Porque o poder religioso é um poder que atinge o interior das pessoas e é mais profundo nesse sentido. Não digo que não se deva ter discrição, nem sempre tudo pode ser apregoado por aí, mas seria muito melhor uma certa simplicidade, uma transparência. Se não temos nada que esconder, que apareça! Se temos alguma coisa que não

presta, então que se corrija, limpe, essa seria a solução.

Ricardo Kotscho - Seu amigo Hamilton Pereira não pôde vir de Brasília, mas mandou algumas perguntas, que vou fazer ao longo da entrevista. A primeira: durante muitos anos a Teologia da Libertação produziu reflexão sobre as causas da opressão na América Latina. Quais são as perspectivas da Teologia da Libertação, hoje?

Dom Pedro Casaldáliga - Quando o papa veio para a América Central, um jornalista lhe perguntou sobre a Teologia da Libertação. Dizem que o papa respondeu: "Teologia da Libertação já não é problema". Para mim, nunca foi problema, sempre foi solução. (*risos*) Também não sei se o papa usou essa expressão, seria um pouco simplista. O problema não está na Teologia da Libertação, está nas realidades que ela detecta e denuncia. Em última instância, ela é a teologia cristã. É a sistematização do pensamento acerca de Deus, da relação da humanidade com Deus. Mas é a teologia cristã a partir da realidade da América Latina, cheia de opressão, de cativo, na perspectiva do pobre, do oprimido, do marginalizado, contando com tudo o que na América Latina significa cativo. Não é só a pobreza individualizada, é a pobreza estruturada, também é o colonialismo. Posteriormente, a Teologia da Libertação foi se abrindo. Por exemplo, num primeiro momento o índio, o negro, a mulher não contavam num primeiro plano. Agora, cada vez mais estão contando. Eu me lembro que houve discussões com a Nicarágua, na revolução sandinista. Aquela perspectiva marxista, os revolucionários explicavam: "O importante agora é fazer a revolução. Depois vamos pensar nos índios, nas culturas...", isso tem os seus conflitos. Eu não posso pensar que uma pessoa é apenas um ser sócio-político-econômico. É também um ser étnico, um ser cultural. Apesar de as revoluções latino-americanas ainda serem as revoluções mais humanistas, até mais poéticas. Poucas revoluções no mundo têm tido tanta poesia, tanta simbologia quanto as revoluções latino-americanas.

João de Barros - E qual o papel do pontificado de João Paulo II nesse quadro?

Dom Pedro Casaldáliga - Ele é um homem muito conseqüente, acho mesmo que é rico em sua fidelidade. Eu escrevi numa carta para ele, naquela ocasião do conflito por causa das minhas visitas à Nicarágua, dizendo: "O senhor pode compreender bastante a situação da Nicarágua, porque o senhor é polonês, e a sua pátria tem vivido sempre a pressão de vários e sucessivos impérios". Mais recentemente, quando me perguntaram, num encontro com religiosos, o que eu achava da visita do papa a Cuba, eu respondi: "Foi um erro" - com todo o carinho e liberdade para com os dois -, "eu acho que vai ser o encontro de dois velhos teimosos. Cada um na sua". (*risos*) Porque, se há neste século duas figuras, a partir do seu ideal, sua perspectiva e sua vontade de fidelidade, emblemáticas, são João Paulo II e Fidel Castro. Então, o papa se sentiu com a missão de ajudar a acabar com o comunismo ateu. Isso, obsessão ou não, eu acho que nele é fidelidade mesmo, não nego essa fidelidade, mas o impediu de ver. Por exemplo, a visita dele à Nicarágua foi um desastre. Posso dizer a vocês, mas sem dar o nome, que um cardeal, que merece muito respeito, falou que o papa agiu em certo momento na Nicarágua como "um energúmeno", expressão que eu nunca teria usado. Ele queria dizer que, naquele momento em que as mães estavam mostrando as fotos dos filhos assassinados pelos contras e pediam "paz, paz, paz", ele disse: "Silêncio! Silêncio! Silêncio!"

Ricardo Kotscho - Ele não estava entendendo o que estava acontecendo.

Enio Squeff - Eu acho que estava.

Dom Pedro Casaldáliga - Ele vinha condicionado, porque sabemos que houve assessoria dos Estados

Unidos nos dias prévios da ida do papa à Nicarágua.

Roberto Freire - Em uma das visitas do papa ao Brasil, perguntaram o que ele achava que precisaria ser feito para o país encontrar solução para os seus problemas. Ele disse: "O que o Brasil precisa é de um capitalismo humanizado, coordenado por um Estado democrático, provendo os bens básicos à população, mas - ressaltou - que garanta a propriedade privada".

Dom Pedro Casaldáliga - Eu discordaria. Primeiro, acho que o capitalismo, ainda mais o capitalismo neoliberal, não pode ser democrático, por definição. Não pode, não pode. O Ignacio Ramonet, no livro *O Mundo sem Rumo*, diz: "Estamos chegando cada vez mais à conclusão de que realmente o neoliberalismo é o fim da democracia". Entendendo por democracia não apenas uma democracia eleitoreira, depositar o voto na hora H. Entendendo por democracia uma democracia cultural, social, política, econômica. Quanto à propriedade privada, estou de acordo, desde que não seja privatista, e menos ainda privadora. Numa CPI na década de 70, me perguntava um deputado católico, não lembro quem é, até com certa sinceridade: "Então o senhor é contra a propriedade?" Eu respondi: "Não, não sou contra a propriedade, se você pode ter trinta ou quarenta camisas e todo mundo pelo menos dez ou quinze. Agora, se você tem cinquenta camisas e cinquenta milhões não têm nenhuma, aí sou contra". Acaba de sair um documento importantíssimo do Vaticano, da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz, presidida pelo cardeal Echeagaray, sobre a distribuição da terra. Quando os jornalistas perguntaram se se referia ao Brasil, ele falou: "Evidentemente que também tivemos em mente situações como as do Brasil". O documento era para ser lançado quando o papa veio aqui, mas se evitou, primeiro, para que o tema terra não abafasse o tema família; e, segundo, para não parecer que fosse só para o Brasil. Eu vi que o Seligman, presidente do Incra, e o próprio Fernando Henrique disseram que estão de acordo com a análise que o documento faz, mas que o documento "não é para o Brasil".

Ricardo Kotscho - Ainda sobre isso, tem a seguinte pergunta do Hamilton Pereira, referindo-se às declarações do papa que foram interpretadas por latifundiários brasileiros como "incitação ao crime": João Paulo II aderiu aos sem-terra?

Dom Pedro Casaldáliga - O documento não é dele. É da Comissão de Justiça e Paz. Agora, com a aprovação dele. É curioso, o papa é muito mais revolucionário no social do que no eclesiástico. Em algumas de suas encíclicas ele tem tido expressões fortes, atitudes fortes. Não que ele tenha aderido aos sem-terra, mas está vendo. Sabe o que ele chegou a dizer na Polônia? Que a Igreja deveria ser a consciência contra o neoliberalismo, uma expressão assim. Ou seja, ele está percebendo que o seu próprio país, a Polônia de hoje, é livre, mas o desemprego... O Vaticano percebeu que há uma série de problemas básicos que estão "além" de comunismo e capitalismo. São os direitos prévios anteriores. Precisamos resolver o problema da terra, da comida, da educação, da comunicação etc. Talvez o nosso pecado seja pensarmos primeiro politicamente e só depois socialmente. Devemos fazer o contrário, pensar primeiro socioeconomicamente, e depois politicamente. De vez em quando me perguntam: "Então, o senhor é a favor do socialismo?" "Sim." "De que tipo de socialismo?" "Eu quero que se socialize a terra, até certa medida; a saúde, a educação, as comunicações, as oportunidades de lazer, eu quero que se socialize o universo, se socialize a vida." Por exemplo, quando falávamos o que falamos os sem-terra, éramos comunistas, e a própria Igreja às vezes nos condenava. Hoje o próprio Vaticano está vendo. Estou plenamente convencido de que não haverá paz no mundo até que não

haja realmente distribuição de terra, distribuição de renda e distribuição de ciência. Por que o Brasil não poderia ter um limite para a propriedade da terra? A fazenda Suiá-Missu, lá no Mato Grosso, começou com o Ariosto da Riva com um milhão de hectares. O que fizeram? Desmataram, desmataram, desmataram. Na época da repressão mais violenta, eu cobrei do pessoal do SNI que me mostrasse uma fazenda em toda a Amazônia Legal que, primeiro, respeitasse a lei de desmate; segundo, que produzisse o que deveria produzir. E que empregasse os braços que se supunha deveria empregar. Nenhuma fazenda!

Ricardo Kotscho - **Em 26 de janeiro vai fazer trinta anos que o senhor veio pra cá, mas antes o senhor esteve na África, por que o senhor veio?**

Dom Pedro Casaldáliga - Isto é curioso. Vocês conhecem os cursilhos de cristandade? Eu fui à África para fundar os cursilhos de cristandade. (risos) Não, naquela época eram outra coisa. Vocês conhecem o Geraldo Vandré de hoje? Conheceram o Geraldo Vandré da época? Então sirva a comparação. Na época, os cursilhos eram uma experiência de Igreja muito revolucionária. Fomos à África fundar os cursilhos, com o fundador deles, Eduardo Bomin.

João de Barros - **Em que ano e onde?**

Dom Pedro Casaldáliga - Foi em 61, 62 na Guiné, ex-Guiné espanhola.

Georges Bourdoukan - **A África estava em momento de grandes convulsões.**

Dom Pedro Casaldáliga - Estava fervendo. Havia a figura de Lumumba. Logo tivemos conflitos, porque queríamos dar cursilho para brancos e pretos, e os brancos, representantes do resto do império espanhol, queriam cursilhos separados. Lembro que dissemos ao bispo: "Ou é café com leite ou vamos embora". O bispo, mesmo sendo espanhol, tinha sensibilidade e falou: "Não, não, evidente".

Ricardo Kotscho - **E como o senhor veio parar no Araguaia, depois?**

Dom Pedro Casaldáliga - Eu sou de uma família de direita, bem de direita mesmo. Aliás, um tio meu, padre Luís, foi morto pelos anarquistas espanhóis por ser padre. Eu digo: "É pitoresco, lá nos matavam por ser de direita; aqui quase nos matam por ser de esquerda. O jeito é ficar sem braços, ficar no centro". (risos) De criança eu vivi a Revolução Espanhola. Ajudei a esconder padres que seriam assassinados pelos anarquistas. A gente então sentiu que tudo o que poderia se parecer com comunismo, anarquismo, socialismo não era só ateísmo, era a morte. Meu pai foi ameaçado de morte várias vezes, estou vendo ainda. Então vivi aquela situação toda, meu tio mártir assassinado, por ser sacerdote, aos 32 anos. Isso sacudiu bastante a minha avó, mãe desse tio, e ela me disse: "Pedro, você não gostaria de ser padre?" Eu respondi: "Me deixa em paz". Mas acho que a morte dele me deu uma sacudida, mesmo sendo criança. Acho que isso suscitou na gente uma espécie de - vocês desculpem a expressão - vontade heróica, não sei como diria. Você vive no meio de heroísmos, de riscos, e você criança... Tínhamos que saber guardar segredo, vinham os milicianos vermelhos, os adultos estavam escondidos, e nós calávamos, ninguém abria a boca. Pode parecer meio ridículo, não ridículo, mas pelo menos disfarçado: eu venero muito os mártires, por isso venero Che Guevara, por exemplo, a pessoa que tem a capacidade de dar a vida por uma causa. Como a gente viveu desde pequeno nesse ambiente de martírio - e depois eu vim para essa nossa América Latina, esse nosso Brasil, esse nosso Araguaia, e ainda continuamos, não sei até quando, então esse clima de martírio foi dando para a gente uma vontade radical da vida.

Roberto Freire - **O senhor escolheu o Araguaia ou é a Igreja que determina a região?**



Dom Pedro Casaldáliga - Não, eu escolhi. Eu sou um pouco poeta. E, você sabe, nós poetas somos todos um pouco anormais, graças a Deus. (risos) Nos deixamos levar por motivações fortes mais facilmente. Já de criança eu dizia sempre: "Sei que só vou responder bem, ou pelo menos decentemente, num clima mais heróico". Pode ser uma espécie de masoquismo, não sei o que Freud diria a respeito. É uma espécie de perspectiva radical da vida, ao mesmo tempo alimentada pela fé cristã. A primeira "Igreja" era fatalmente mártir. Nos três primeiros séculos dela, não ser mártir era uma exceção. Então escolhi vir aqui porque queria um lugar mais radical, mais livre. Eu nunca mais voltei à Espanha.

João de Barros - **Essa região do Araguaia satisfazia o seu desejo de tornar-se um mártir?**

Dom Pedro Casaldáliga - Sim, sim, estou feliz no Araguaia. Do Brasil eu conhecia o carnaval e o futebol, mas sabíamos da imensidão do país, a nossa congregação - os claretianos - tinha missionado as áreas do que agora é Goiás e o Distrito Federal. Me falaram: "Tem uma região infinita lá, que não tem ninguém, e estão pedindo missionários". Eu falei: "Então vamos".

Marina Amaral - **Da guerrilha do Araguaia o senhor tinha alguma notícia, porque quando o senhor veio já estava começando.**

Dom Pedro Casaldáliga - Eu vim em 68.

Ricardo Kotscho - **Ano do AI-5, em que a ditadura fechou tudo.**

Dom Pedro Casaldáliga - É, do "é proibido proibir", do massacre dos estudantes no México, e aqui da acochada, em 68. Mas, felizmente, tivemos a grande chance de fazer um curso em Petrópolis, de formação intercultural, chamado Centro de Formação Intercultural (Cenfi), em que os missionários que vêm do exterior, ainda agora, se reúnem durante quatro meses. Um curso de adaptação. Se não tivesse feito esse curso, eu me perderia no Araguaia, porque em plena ditadura militar, os meios de comunicação supercontrolados, a imagem precaríssima que a gente poderia ter do Brasil, mas felizmente os professores nos foram abrindo os olhos, e quando fui para o Araguaia já tinha uma noção bastante clara da ditadura militar por um lado, e por outro, da problemática indígena, e da problemática da terra. Só que eu nem imaginava que fosse ver o que a gente viu.

Enio Squeff - **Quando o senhor chegou, havia empregados, havia uma casa paroquial?**

Dom Pedro Casaldáliga - Não tinha nada. A estrada estava se abrindo, de Barra do Garças a São Félix do Araguaia. Nós levamos sete dias para chegar a São Félix do Araguaia, de caminhão.

Georges Bourdoukan - **Nós, quem, dom Pedro?**

Dom Pedro Casaldáliga - Eu, um colega que ainda não era padre, mais um padre brasileiro e dois índios xavantes. Barra do Garças era uma mixaria, hoje deve ter setenta ou oitenta mil habitantes. Quando cheguei, São Félix tinha seiscentos habitantes, e era praticamente o lugar maior. A primeira grande impressão que a gente teve foi: "Estamos perdidos no espaço". Segunda dramática grande impressão: na primeira semana chegam quatro caixas de sapato, com quatro crianças mortas. Chegamos lá: "Padre, um anjinho". No dia seguinte: "Padre, um anjinho", "padre, um anjinho", quatro.

Enio Squeff - **Em caixa de sapato?**

Dom Pedro Casaldáliga - Em caixa de sapato, de papalão, crianças. Me lembro que duas delas eram filhas de prostitutas. Eu falei para o colega: "Vamos embora, nos suicidamos, ou encontramos uma solução". E foi quando fizemos questão de chamar duas irmãs religiosas de São José, para abrir um ambulatório, que depois foi fechado pela repressão. O primeiro verso que eu acho que me brotou chegando lá foi em castelhano: "*Nostalgia de la piedra e de la historia*" - eu sentia saudade de alicerce. Porque inclusive não tinha cidade, eu não tinha penetrado ainda no mundo indígena para sentir a história. Um pessoalzinho que estava lá, fazia poucos anos que tinham vindo, sobretudo do Nordeste, mais do Maranhão. Muitos vinham para aquela região atravessando o Araguaia por causa da profecia do Padim Cícero. Padre Cícero tinha dito que deviam procurar a bandeira verde, que seria a mata da Amazônia. E atravessar o Araguaia era como foi para os hebreus atravessar o mar Vermelho fugindo do Egito. Eu ainda agora encontro gente que se lembra que seus avós falavam desse messianismo, dessa procura da Terra Prometida. Na medida em que fomos ganhando confiança, eles foram falando mais sobre a procura da bandeira verde. Curioso que, quando veio a repressão forte, nós estávamos usando o método Paulo Freire, das palavras-chave. E a primeira palavra-chave era "mata", por causa da procura e porque são sílabas simples, diretas. Mas para a repressão era uma intenção subliminar: "Mata, mata, mata".

Marina Amaral - **Matar.**

Dom Pedro Casaldáliga - No processo que abriram contra nós, quando o chefe da Polícia Federal, bacharel Francisco de Barros Lima, saiu com essa de que a palavra "mata" tinha uma intenção subliminar, eu disse: "Olha, além de perversos vocês são estúpidos". (risos) O escritor, que era um japonês, riu. (risos)

Enio Squeff - **O senhor é naturalizado brasileiro?**

Dom Pedro Casaldáliga - Não. Estou esperando que haja outro tipo de presidente da República. (risos) Eu me naturalizei pela malária, já peguei oito, acho que me naturalizei pela paixão que tenho pelo Brasil e pelo continente todo.

Ricardo Kotscho - **Qual foi seu primeiro confronto com a repressão, ou com o latifúndio?**

Dom Pedro Casaldáliga - Chegamos em 68. Eu tinha lido alguma literatura latino-americana, que, sem exagerar, pelo menos 40 por cento fala do latifúndio, porque essa América Latina toda é latifúndio. Eu costumo dizer que, quando chegaram os descobridores, o primeiro grito foi: "Terra à vista!" - "Latifúndio à vista!" (risos) Portugal e Espanha são muito pequenos, imagina o que temos de terra aqui! Mas a gente tinha uma noção muito remota de latifúndio. Porque vocês imaginem na Europa um milhão de hectares - como a fazenda Suiá-Missu, do grupo

Ometto – são quatro países juntos! Agora muito latifundiário está vendendo a terra. Por causa de uma certa insegurança mas também porque são muito bem pagos. Só que o dinheiro não está em lugar nenhum, está flutuando, já não está no Brasil. Antes, ter terra era ter uma riqueza em que você podia pisar. Agora a riqueza é flutuante, os países não existem, o mundo está nas ondas, o que supõe um suicídio do mundo ou a solução do mundo. Eu acho que vai ser a solução. Porque nos próprios Estados Unidos, na Alemanha, na França, muitos neocapitalistas, muitos neoliberais já dizem: “Não é bem assim, assim não dá”. Acumularam e acumularam por um lado, mas por outro arrancaram todas as bases familiares, nacionais. De quem é hoje o dinheiro? Onde está? A serviço de quem? Hoje, quando me perguntam, por exemplo, por Fernando Henrique, eu lamento muito a conversão de Fernando Henrique ao capital. E a conversão ao FMI. Ele manda pouco. O FMI manda mais do que ele. Vem uma dessas senhoras dos Estados Unidos com sua bolsa na mão...

João de Barros - **O FMI.**

Dom Pedro Casaldáliga - É. E ele diz: “Sim, sim”. Então, voltando: eu não tinha noção de que pudesse haver tanto latifúndio, sou filho de uma família de mil anos, que tem uma casa de campo, pinheiros, umas ovelhas, umas hortas. Chegamos à Suiá-Missu, você podia sobrevoar duas horas de avião em linha reta, dentro da fazenda. Um milhão de hectares!

Marina Amaral - **E explorava o que essa fazenda, era madeira?**

Dom Pedro Casaldáliga - Desmatar, desmatar, desmatar, desmatar. Eu disse para a repressão, numa ocasião, que nenhuma das fazendas da Amazônia Legal cumpria as leis que teoricamente a política nacional exige. De respeitar a mata, acho que era 40% na época, e de produzir. Produzindo o quê? Praticamente nada, porque aquela nossa região é fundamentalmente um deserto.

Ricardo Kotscho - **Como foi o primeiro choque com a repressão?**

Dom Pedro Casaldáliga - Em 1970 eu escrevi um texto intitulado “Feudalismo e Escravidão no Norte do Mato Grosso”, e mandei para o núncio, para as autoridades, eu ainda era ingênuo. (risos) Agora a gente primeiro fala e depois fala para as autoridades. (risos)

Georges Bourdoukan - **Qual foi a resposta para o seu texto?**

Dom Pedro Casaldáliga - O núncio me mandou uma carta elogiando minha sensibilidade e tal, mas pedindo-me que não espalhasse o documento, porque isso poderia “prejudicar politicamente o Brasil”. E eu lembro que nessa hora, também, um tenente da Polícia Militar, com o qual depois tivemos conflitos, o chefe, veio me procurar. Lembro perfeitamente, era uma noite com aquelas estrelas que só temos lá, vocês aqui não têm estrelas, coitados, não sabem o que é ter estrelas. Bom, ele veio me procurar: “Dom Pedro, eu acho que o senhor tem que tomar cuidado, porque isso poderia...” – foi a primeira advertência, já em 1970. E o primeiro encontro com o latifúndio foi também nesse ano. Eu não tinha uma noção clara do que pudesse ser um posseiro, ou um peão. No Mato Grosso, principalmente naquela época – hoje ainda de vez em quando se vê isso –, certas fazendas tinham até moeda própria. Pagavam com um tipo de vale que era moeda própria. Os pobres peões ficavam enforcados, sempre estavam devendo. A única saída era a fuga. E a fuga era controlada. A Fazenda Coleapé, por exemplo, em Santa Luzia, tinha algumas covas com uma só cruz, mas com três corpos dentro. Eu vi um daqueles lagos no extremo do Mato Grosso, tinto de sangue de peões que tentavam fugir, literalmente tinto de sangue, avermelhado. Nós ainda não falamos de pistoleiros – essas fazendas praticamente desde o início partiram para isso, ca-pangas. Tampouco eu conhecia os pistoleiros, o pistoleiro

era uma figura da convivência. Você às vezes tinha uma família modesta, boa, mansíssima, o filho era pistoleiro. Não se chamava de pistoleiro, era “guarda”, era “fiscal”, da fazenda.

Ricardo Kotscho - **O senhor esteve jurado de morte, tinha um preço, um valor.**

Dom Pedro Casaldáliga - A famosa Fazenda Bordon, na área de Serra Nova, comprou um peão, um pistoleiro, para me matar. A recompensa: um milhão de cruzeiros na época, ano de 71, um 38 e uma saída para o exterior. Mas eu já ia ser sagrado bispo, então devia até valer mais um pouco. (risos)

Sérgio de Souza - **Como o senhor soube dessa história?**

Dom Pedro Casaldáliga - Porque o peão não teve coragem de me matar. Pensou na mãe, matar um padre... E foi a São Félix, mas eu estava no interior, tinha ido ajudar posseiros numa área que a Fazenda Bordon queria ocupar. Então o peão pistoleiro pensou na mãe quando soubesse que um filho seu tinha matado um padre. Acho que ele queria se purificar e contar a outro padre, colega meu, em São Félix, que lhe disse: “Você tem coragem de dizer isso à Polícia Federal, ela está aqui”. Coincidentemente estavam lá dois elementos da Polícia Federal. “Nós te garantimos a saída para o exterior.”

“Eu vi um daqueles lagos, no extremo do Mato Grosso, tinto de sangue de peões que tentavam fugir, literalmente tinto de sangue, avermelhado”

Ricardo Kotscho - **Mas quem ofereceu esse dinheiro para ele matar o senhor?**

Dom Pedro Casaldáliga - A Fazenda Bordon, que é da família Bordon.

Georges Bourdoukan - **E ele foi na Polícia Federal?**

Dom Pedro Casaldáliga - Foi. Aceitou, botou o dedo, declarou que estava sendo comprado pelo empreiteiro Benedito Boca Quente. O empreiteiro se chamava Benedito Boca Quente. (risos) Olha, as novelas todas que vocês leram na infância ficam pequenas ao lado da realidade. Eu digo muitas vezes: filmes de banguê-banguê nós não precisamos ver, porque já naqueles tempo, pelo amor de Deus!

João de Barros - **O senhor nunca mais viu o rapaz?**

Dom Pedro Casaldáliga - O rapaz sumiu. Soube também que não aconteceu nada com a Fazenda Bordon. O pobre do Benedito Boca Quente depois foi morto em Goiás.

Sérgio de Souza - **E por que iam matar o senhor?**

Dom Pedro Casaldáliga - Porque quando chegamos, como eu disse, éramos uns perdidos no espaço; em segundo lugar, um pouco estrategicamente, nós pensamos: “Onde é o maior conflito e a partir de onde poderá haver mais irradiação?” Esse povoadozinho que estava nascendo na mata, em Serra Nova – eu que dei esse nome ao lugar, estava já em conflito com a Fazenda Bordon. Então lá fomos e fizemos o que chamávamos na época de campanha missionária. Eram três meses na área mais estratégica – porque tinha maior conflito, ou porque poderia ter mais irradiação, ou porque podíamos conhecer melhor a região – e nesses três meses aplicávamos o método de alfabetização Paulo Freire. (Quando ele morreu eu senti que morria alguém da família; para mim, Paulo

Freire foi uma das mais belas figuras do Terceiro Mundo.)

Marina Amaral - **O que os senhores tinham em mente?**

Dom Pedro Casaldáliga - Nós queríamos primeiro conhecer as áreas nevrálgicas da realidade. E elas eram simultaneamente as áreas de maior conflito e de maior irradiação, porque atraíam mais pessoal. Aquelas fazendas, eu já falei na Suiá-Missu, dos Ometto, e depois da Liqigás, chegou a ter três mil peões, quando São Félix tinha seiscentos habitantes! Então nós dizíamos: “Através do método Paulo Freire, em três meses alfabetizamos, e conhecemos o povo”. E essas campanhas missionárias realmente nos ajudaram muito, porque aí descobrimos o latifúndio, aí descobrimos a pistolagem, descobrimos os migrantes.

Marina Amaral - **A preocupação era evangelizar já com essa preocupação social?**

Dom Pedro Casaldáliga - Naquela época, na América Latina já se sabia que a conscientização é o primeiro passo. A educação formal e informal, por isso partimos para o método Paulo Freire. Em São Félix tinha uma professora que tinha um ano e meio de primário, e era a diretora da escola, vocês compreendem? Infra-estrutura social, educacional, sanitária, não havia nenhuma, nem médico ou enfermaria. A primeira carta que recebemos do superior da Espanha foi três meses depois que estávamos lá. Não havia estrada, estava se abrindo, não havia correio, eletricidade, telefone. A prefeitura de São Félix ficava em Barra do Garças, a 700 quilômetros de distância. Felizmente nós topamos com o método Paulo Freire, foi uma grande vantagem, mas nos custou repressão, nos custou apanhar, tortura e tal.

Sérgio de Souza - **Como foram esses episódios?**

Dom Pedro Casaldáliga - A maior parte dos agentes de pastoral foi presa e torturada.

Sérgio de Souza - **Lá mesmo?**

Dom Pedro Casaldáliga - Lá. Alguns deles tiveram que sair para o exterior. Eu estive em prisão domiciliar, porque era bispo. Na nossa região, estritamente na área da prelazia de São Félix do Araguaia, houve quatro operações Aciso, aquelas famosas Operações Cívico-Sociais, que eram operações da repressão. Vinha Exército, Aeronáutica, Marinha, Polícia Federal, Polícia Militar, numa delas havia até bombeiros. A nossa região era vista como de guerrilha do Araguaia. E veio a repressão e as torturas que nossos agentes de pastoral sofreram – alguns deles ainda com conseqüências até agora –, aquela rapaziada toda que veio para dar aulas, porque tivemos que abrir o ginásio, o povo pediu, insistiu. A repressão caiu em cima fundamentalmente por causa disso. Um trabalho de conscientização, um trabalho de educação, um trabalho de saúde. Mesmo que fosse um trabalho inicialmente discreto. Ninguém falava em organizar sindicato, menos ainda partido, ninguém usaria nunca a palavra socialismo, mas pelo menos você conscientizava os posseiros e os peões de seus direitos.

Enio Squeff - **Há quantos quilômetros de São Félix estava se dando a guerrilha?**

Dom Pedro Casaldáliga - A prelazia de São Félix são 150.000 quilômetros quadrados, faz limite com o Pará. E a guerrilha se dava no sul do Pará e no Tocantins. Estávamos bem na divisa e era lógico que a repressão, pela proximidade, devia imaginar que fôssemos guerrilheiros.

João de Barros - **Não foi por causa disso que o senhor teve o processo de expulsão do país?**

Dom Pedro Casaldáliga - Eu tive cinco processos de expulsão. Sempre porque imaginavam que estivéssemos vinculados à guerrilha e porque contestávamos o latifúndio. O último foi quando o povo derrubou a cadeia e a delegacia em Ribeirão Cascalheira, onde foi assassinado o padre João Bosco, pela Polícia Militar.

Marina Amaral - **Quando o padre João Bosco foi assassinado?**

Dom Pedro Casaldáliga - Em 1976. Aconteceu que eu cheguei lá para a festa da padroeira, e soube que duas mulheres estavam sendo torturadas pela Polícia Militar porque o genro de uma delas tinha matado um policial famoso pelas suas mortes. Ali havia um pequeno Esquadrão da Morte comandado pelo cabo da Polícia Militar. O povo não tinha nem coragem de atravessar o córrego Ribeirão, porque era normal ver cadáveres flutuando nele. Estava comigo o padre João Bosco, que era jesuíta, aliás da família Burnier.

João de Barros - **A mesma do brigadeiro João Paulo Burnier, o número um da lista que os torturados pela ditadura divulgaram no exterior?**

Dom Pedro Casaldáliga - Sim. Aquele do Parasar. Um mártir e santo, e o outro torturador. Da mesma família. Os filhos de Deus se diversificam. O padre João Bosco estava comigo, vínhamos de um encontro indigenista na aldeia dos tapirapés, e ele quis me acompanhar a Ribeirão Cascalheira, onde fomos celebrar a festa da padroeira, era 11 de outubro. Diante da cadeia, e delegacia, onde as duas mulheres estavam sendo torturadas, havia um caititu bravo amarrado, e a polícia naquela noite soltaria o caititu, que iria despedaçar as duas mulheres, evidentemente. Quando eu soube, pensei: "Vou ver o que se pode fazer". O padre João Bosco disse: "Eu vou contigo". "Você é que sabe". Acontece que ele tinha mais tipo de bispo do que eu, coitado, senão estaria vivo até agora. Estavam nos esperando dois cabos e dois soldados. Não me conheciam. Eu me adiantei e eles entenderam que eu estava apresentando o bispo de São Félix, o padre João Bosco, que vinha atrás de mim. Estavam muito agressivos, e começaram a xingar "Merda, terroristas, comunistas, filho de..." e tal. Eu falei "Nós viemos aqui simplesmente porque tem duas mulheres que estão sendo torturadas. Se vocês têm que prender alguém, prendam" e tal. Conversamos com eles uns três minutos, só três. Três. E o soldado Izi Feitosa Ramalho deu um soco no padre João Bosco, uma coronhada e um tiro de bala dundum. E o padre caiu aos meus pés. O soldado achava que tinha atirado no bispo, que ele e não eu era o bispo. Depois viemos saber disso explicitamente.

Enio Squeff - **Ele morreu na hora?**

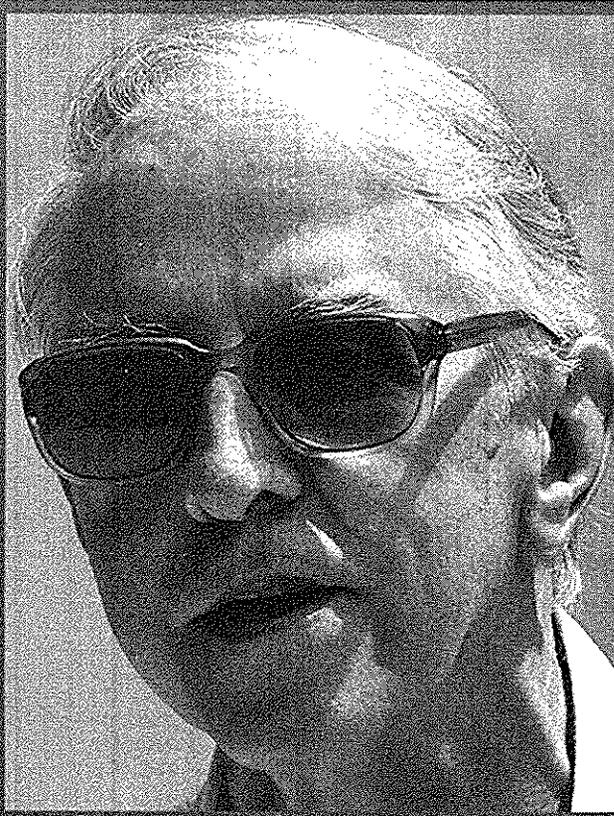
Dom Pedro Casaldáliga - Ele ficou ainda umas duas horas e meia lúcido, inclusive foi uma agonia de santo. Porque ele era impecável, um jesuíta no pleno sentido da palavra. Tinha sido reitor do Colégio São Luis aqui em São Paulo, esse em que estudou o Maluf. Uma hora disse: "Chega de colégio, eu quero ir ao mato, ao campo", e passou dez anos na região, do outro lado do Xingu, trabalhando com índios e com posseiros...

Marina Amaral - **Mas os soldados atiraram nele na frente da delegacia, todo mundo vendo?**

Dom Pedro Casaldáliga - Aí está. Nessa hora os paroquianos estavam ali, começava a novena, estavam esperando a padroeira, Nossa Senhora da Aparecida. Dois dos policiais fugiram na hora, e outros dois ficaram. E aí eu falei para os que ficaram: "Agora vocês me ajudam a carregar o corpo do padre". O cabo disse: "Foi um tiro só para espantar". Eu disse, "Vocês me ajudam a carregar o corpo do padre agora". Conseguimos um casal de médicos, paulistas, e aí naquela hora já apareceram uns quarenta posseiros. Eu disse para o povo, "Calma, vai todo mundo para casa", porque eu vi que aquilo ia estourar. Os dois médicos, ele e ela, atenderam e o médico já me disse logo: "Pedro, prognóstico reservado, porque a massa encefálica já está aparecendo". Nós não tínhamos hospital, não tínhamos teco-teco, nada. Por uma pequena rádio, de um comércio, tentamos chamar, não houve jeito. Soubemos que havia um teco-teco na Fazenda Tamakavy.

Ricardo Kotscho - **Do Sílvio Santos.**

Dom Pedro Casaldáliga - Ainda não era dele. Então carregamos o corpo do padre em uma caminhonete, ele, eu,



o médico e uma irmã enfermeira, uma heróica enfermeira francesa que agora está lá nos fundos de Palmas. E fomos levando por aquelas estradas do Xingu, que são as estradas mais desastrosas que tenho visto na vida. O padre João Bosco ensopou dois colchões de sangue, tirava um colchão punha outro. Chegamos na fazenda umas duas da madrugada. O gerente se mostrou uma pessoa compreensiva. E lá pelas cinco da manhã ele pôs dois ou três carros da fazenda para iluminar a pista e ainda escuro levantamos vôo, para levar o padre a Goiânia. O padre já não tinha mais sangue, estava em estado de coma, evidente. Ele foi com o médico e a enfermeira atrás e eu na frente com o piloto. Quando arrancamos, o piloto me pergunta: "O senhor é o bispo dom Pedro?" "Sou." E ele: "Dom Pedro Casaldáliga?" "Sim." Aí, pela terceira vez, perguntou: "O senhor é o bispo de São Félix do Araguaia?" "Sim". E ele: "O senhor sabe que o estavam procurando?" "Me procurando para quê?" E ele: "Para matá-lo". Vocês lembram de dom Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu, que picharam o corpo todo de vermelho, na área militar? Naquele mesmo dia, quatro da repressão tinham vindo nesse teco-teco, com esse piloto, para me matar. A repressão queria dar uma lição na cidade, com dom Hipólito, e uma lição no campo, matando-me antes. Aconteceu que era 24 de setembro, Nossa Senhora das Mercês, libertadora de cativos. Nós, lá no Ponto Alegre, a escolhemos como padroeira, e a festa era para Nossa Senhora da Libertação. É lógico que escolhemos o título com "má intenção", né, diria a repressão (*risos*). Porque Nossa Senhora das Mercês não tinha muito sentido e como ela era de fato libertadora de cativos, o título ficou "da Libertação", tinha muito mais sentido. E os posseiros e os peões estavam todos na rua, comigo. Então não podiam me pagar e me matar naquela hora. Tinham de esperar um pouco. Nessa estourou o acontecido com dom Adriano Hipólito. E eu me libertei da morte, como depois me libertei da morte quando padre João Bosco foi assassinado no meu lugar. De modo que estou vivendo de graça.

Georges Bourdokan - **O teco-teco chegou em Goiânia?**

Dom Pedro Casaldáliga - Sim, levamos o padre João para o hospital dos jesuítas, o médico falou que ele estava em uma sobrevida. E se criou aquela mobilização. Naquela época, 1976, era bispo de Goiânia aquela cândida figura do episcopado brasileiro, Dom Fernando. Que fazia tremer de medo até os generais. O padre João morreu, e foi

aquela chacoalhada, mesmo para os mais conservadores. Uma comoção. Celebramos os funerais publicamente, e a partir daí surgiu a idéia de construir o santuário dos Mártires da Caminhada, lá em Ribeirão Cascalheira, que antes era Ribeirão Bonito.

Georges Bourdokan - **E o enterro foi em Goiânia?**

Dom Pedro Casaldáliga - Foi em Diamantino, em outro ramo do Xingu, onde os jesuítas tinham uma missão e onde ele trabalhava como missionário com os índios Ba-cairi. Mas o povo de Ribeirão Bonito resolveu celebrar a missa de sétimo dia no local onde o padre foi assassinado, em frente à cadeia. Aí plantaram um cruzeiro, uma cruz de madeira de lei, e começaram a celebração. E o povo começou a se entusiasmar. E uma moça, uma prostituta, começou a discursar: "Nessa cadeia nunca rico esteve preso, só gente pobre. fui a primeira a apanhar, essa cadeia é o sinal da desgraça, da repressão e a cruz é o sinal da libertação...". E vai e vem e vem e vai, o povo pegou o que tinha na mão, enxadas, paus, pedras e derrubaram a cadeia e a delegacia. Foi a derrubada da bastilha no Mato Grosso. (*risos*)

Enio Squeff - **E tinha PM dentro, na hora?**

Dom Pedro Casaldáliga - Tinham fugido. Eu estava em Goiânia, na casinha paroquial, escrevendo aquela história, uma denúncia que a gente queria espalhar. Então chegaram uns sujeitos, um com uma máquina fotográfica, outro com um bloco, como sendo jornalistas. Mas eu vi que tinha alguma coisa errada. Inclusive o modo como chegaram, entrando daquele jeito, quer dizer, deviam estar habituados a outra coisa (*risos*). E eu dizia: "Calma, estou escrevendo, vocês podem levar o relatório completo de tudo o que aconteceu" - e eles ficaram um pouco sem graça. E felizmente estava lá a cozinheira, que foi muito esperta - depois me disse que suspeitou na hora. E eu pensei: "Se ela for embora e me deixar aqui sozinho com eles...". Mas a mulher foi espertona, veio da cozinha e falou: "Os senhores vão querer café, não?" Eles não queriam, mas ela disse: "Eu vou fazer café para os senhores". Acabaram indo embora, mas no ano seguinte nós construímos o santuário dos Mártires da Caminhada, onde temos as fotos do padre João Bosco, do frei Tito, as fotos dos que nós achamos que foram os Mártires da Caminhada. É macroecumênico, poderia dizer, até o Wladimir Herzog pusemos, que era judeu. Evidentemente, a repressão depois caiu em cima e foi quando Geisel decretou que se se comprovava que eu estava presente no episódio da derrubada da cadeia, inclusive incentivando, e não haveria força que impedisse a minha expulsão do país. A repressão tentou me expulsar do país cinco vezes, nessa quem me salvou foi dom Paulo Evaristo Arns.

Enio Squeff - **Qual foi a atitude do Vaticano nesses episódios, inclusive o da morte do padre João?**

Dom Pedro Casaldáliga - Em última instância, a morte do padre João Bosco foi o que me manteve no Brasil. O Papa Paulo VI disse para d. Paulo Evaristo que me tocar seria tocar ao Papa. E falou que dom Paulo Evaristo dissesse isso publicamente.

Georges Bourdokan - **E o que aconteceu com os assassinos?**

Dom Pedro Casaldáliga - Simularam um processo e os quatro que estavam em uma cadeia de Barra do Garças, com a desculpa de que ela não oferecia segurança, foram passados para Aragarças, que já é Goiás, e saíram bem vestidos e com as malas... Esse Izi Feitosa Ramalho, faz uns três anos e pouco, o padre da diocese de Diamantino me contou que estavam pintando a igreja e ele foi conversar lá com o pessoal. E, na conversa, um dos pintores disse: "Eu sou aquele que era polícia militar e matei o padre João Bosco". Está pintando igreja. (*risos*)

Ricardo Kotscho - **Tem aqui outra pergunta do Hamilton Pereira: Uma vez por ano o senhor percorre a América Central. São conhecidas as suas relações com Samuel Ruiz, bispo de Chiapas. Como os cristãos do**

continente vêm a luta dos zapatistas e o que essa experiência diz para a América Latina?

Dom Pedro Casaldáliga - Samuel Ruiz é presidente da Sicsal - Secretaria Internacional Cristã para a América Latina. Eu sou o vice-presidente. Nós dois somos muito unidos. Olha, Chiapas tem a vantagem de ser uma típica revolução indígena e por outra parte é uma revolução que convoca. Não é uma guerrilha mais ou menos isolada ou que espera. Ela convoca a sociedade toda. E 82% deles são indígenas, maias. Eles dizem: "Queremos que conste que estamos em Chiapas, que concentra 60% de toda a riqueza do México e por outro lado tem a porção do povo mais miserável do país." Eu acho que a guerrilha zapatista salvou a herança da melhor guerrilha. Quando se diz que a guerrilha não serviu para nada, por um lado se está mentindo e por outro se está pisando sangue, e pisando sonho. Não sei se é a hora da guerrilha, isso é diferente, mas não tem dúvida que eles salvaram o melhor. Eles conseguiram pôr na consciência do mundo que há um Terceiro Mundo, que é quase toda a América Latina, e que há um Terceiro Mundo que é quase todo o mundo. É uma guerrilha que derrama poesia por todos os lados. O Comandante Marcos é poesia, amor por todos os lados. E depois, é uma guerrilha tão aberta, quer ser democrática, pedindo democracia verdadeira em todo o mundo. E que em uma hora de baixa do sonho, do entusiasmo, surge como uma revolução no melhor sentido da palavra. Os Estados Unidos mandaram para o México cento e tantos aviões, a estrada que divide o México da Guatemala está sendo sofisticada para controle. Mas ela é irreversível. Não se esqueçam que é uma guerrilha 100% indígena. Vocês, porque moram na América Latina, por estar mais dentro, talvez não percebiam a evolução da América Latina. Olha, há 30 anos atrás, os indígenas da América Latina não abriam a boca. Os negros no Brasil esticavam o cabelo, nem eram negros, eram "morenos". A mulher, o que podia fazer, só algumas heroínas, né?

Ricardo Kotscho - Outra pergunta do Hamilton Pereira: Em defesa da população indígena, o senhor tem defendido a nação pluriétnica. Quais as perspectivas desses povos em uma sociedade excludente como a brasileira?

Dom Pedro Casaldáliga - Eu sei que agora pode parecer sonho defender as etnias. Que estamos em um mundo universalizado, não existem nem os países, não há fronteiras, elas são informatizadas. Mas veja que bem nesse momento ressurgem as etnias. Na Europa, na Ásia, na África... Eu auguro uma mundialização, no bom sentido da palavra, porque nunca, até agora, a humanidade sentiu-se de fato uma, com todas as desgraças, tensões, e diferenças. Acredito que a gente possa cada vez mais se sentir parte da mesma humanidade, sabendo também aceitar as diferenças das culturas. Se passarmos por cima das diferenças das culturas, vamos ter uma humanidade sem alma. E essas lutas étnicas, na própria Europa, às vezes loucas, absurdas, podem parecer fora de hora, mas durante séculos vários daqueles países foram proibidos de ser eles próprios. Eu entendo perfeitamente que reivindicuem isso, mesmo de um modo enlouquecido, porque as fronteiras foram misturadas. Eu sei que muitos povos sumirão. Como muitos já sumiram na história. Mas eu penso que a humanidade será cada vez mais una, saberá cada vez mais valorizar suas riquezas, suas diferenças.

Ricardo Kotscho - Outra pergunta do Hamilton Pereira: Que papel a Igreja pode cumprir na luta contra o neoliberalismo?

Dom Pedro Casaldáliga - O único império hoje no mundo é o neoliberalista. Mas já há muito teórico do neoliberalismo reconhecendo que por aí não vai dar. Na própria Europa já estão reivindicando a sociedade do bem-estar, reivindicando outro tipo de tratamento nos salários, nas horas de trabalho. É evidente que temos um império macro que tem mais possibilidades

que nenhum outro teve em tempos anteriores. Mas também é um império que vai cair mais facilmente. Dessa macropossibilidade neoliberalista permanecerá a comunicação, que é bom, e a capacidade de superar certos nacionalismos, que também é bom superar. Mas não tenho dúvida de que saberemos valorizar as identidades, as particularidades, as riquezas culturais. Se todo mundo tiver que se vestir igual, comer igual, falar igual, será paupérrimo.

Roberto Freire - O senhor não acha que a Igreja está mais ou menos aliada com o neoliberalismo no Brasil?

Dom Pedro Casaldáliga - Eu não vejo assim. Já há inclusive bispo mais ou menos conservador reclamando que assim não dá. Agora subiu o salário mínimo, quanto foi?

Ricardo Kotscho - Mais 8 reais.

Dom Pedro Casaldáliga - Quando ele deveria ser de pelo menos 800 reais, é um sarcasmo, né? O próprio papa tem falado palavras bastante claras com respeito ao neoliberalismo.

Sérgio de Souza - Mas essa mudança se dará naturalmente, espontaneamente?

Dom Pedro Casaldáliga - Não. As greves na Europa já não são assim tão serenas, tão pacíficas. Os Estados Unidos já não têm a vez e a voz que tinham, a Europa em certos momentos já contesta os Estados Unidos. No Bra-

- O senhor é o bispo dom Pedro?

- Sou.

- Dom Pedro Casaldáliga?

- Sim.

- O bispo de São Félix do Araguaia?

- Sim.

- Eles vieram para matá-lo.

sil, o Movimento Sem Terra está aí. O próprio Vaticano publica um documento e reconhece que as ocupações de terra podem ser legítimas em certos momentos.

Sérgio de Souza - O senhor falou que há uma baixa no sonho, no entusiasmo das pessoas. A que o senhor atribui isso?

Dom Pedro Casaldáliga - Pode ser em parte porque tenhamos feito experiências um pouco unilaterais, talvez um pouco agressivas, talvez muito minoritárias e bastante imediatistas. As guerrilhas todas foram aprendendo, por exemplo, que além de ser políticas deveriam ser também culturais. Que além de conquistar o poder têm de conquistar as consciências.

Sérgio de Souza - É possível educar a população sem os meios de comunicação, por exemplo?

Dom Pedro Casaldáliga - Mas nós também conquistaremos os meios de comunicação.

Sérgio de Souza - Assim, de graça?

Dom Pedro Casaldáliga - Gente de pouca fé! (risos) A humanidade não é suicida, gente! A própria Europa já está querendo corrigir o neoliberalismo. Em vários países da Europa ganharam candidatos mais ou menos socialistas.

Marina Amaral - O senhor imagina um movimento como o de Chiapas no Brasil?

Dom Pedro Casaldáliga - O Movimento Sem Terra é o Chiapas à brasileira, com jeitinho brasileiro. Está obri-

gando ao governo a fazer alguma reforma agrária e ajudado o Vaticano a lançar esse documento favorável à reforma agrária. Não duvide.

João de Barros - O que o senhor acha do presidente Fernando Henrique?

Dom Pedro Casaldáliga - Fernando Henrique não manda por um lado e por outro lado obedece.

Sérgio de Souza - Mas ele vai ser reeleito, vão ser mais quatro anos...

Dom Pedro Casaldáliga - Sim, vai ser reeleito porque há muito tempo se está reelegendo.

Ricardo Kotscho - Agora o senhor também está parecendo pessoa de pouca fé... (risos) Como assim, já está reeleito?

Dom Pedro Casaldáliga - Eu acho importante, por outro lado, que a gente tenha um bom candidato de oposição. Porque a gente também não vai entregar tudo às feras, facilmente. Agora, a máquina...

Sérgio de Souza - Lá em São Félix o senhor continua a sua pregação?

Dom Pedro Casaldáliga - Já agora um pouco cansado. Também é uma área menos tensa. Temos ainda problemas de terra, sem dúvida. E eu ainda espero não morrer na cama. (risos)

Ricardo Kotscho - O senhor falou uma vez: "Quando fizerem a minha autópsia, vão encontrar terra no fígado e no coração". O que mais vão encontrar?

Dom Pedro Casaldáliga - Vão encontrar muito sonho, muita utopia, e por isso mesmo muita esperança. Eu tenho um poema que termina assim: "E em última instância, esperança". Eu acredito que humanidade não é suicida e não é besta. Mesmo que faça muita besteira, mesmo que se suicide de vez em quando. Vou ser sincero: eu acredito na humanidade porque acredito no Deus da vida. Agora, é o processo, vamos apanhando, vamos aprendendo. A humanidade já viveu uma época em que a mulher não era nem contabilizada, a criança e a mulher no mundo judaico não existiam uma época em que a escravidão era normal. Hoje ainda há muita escravidão mas pelo menos a consideramos ilegal. Olha, em quatro décadas a mulher andou quatro séculos.

João de Barros - Mas a gente vê que a pobreza aumentou, a miséria, a prostituição, guerras...

Dom Pedro Casaldáliga - Olha, melhorou o grau de consciência da humanidade. Ela hoje tem muito mais consciência do que ontem. Hoje temos consciência de que é um mundo só. Isso tem consequências imprevisíveis. Os Estados Unidos, no meu entender, são o último império. E oxalá acabe logo! O mundo não vai tolerar impérios. Isso pode parecer utópico, porque a própria informática parece que está facilitando que quatro se apoderem do mundo, mas eu acredito na humanidade. Acho que o mundo, apesar dos pesares, é mais bonito do que ontem e será muito mais bonito amanhã.

João de Barros - Parece, dom Pedro, que esse rolo compressor que é a globalização é muito mais forte do que a nossa vontade.

Dom Pedro Casaldáliga - Tudo aquilo que é homicida é suicida. O neoliberalismo é homicida, e por isso é suicida. Vai se suicidar. Não tem dúvida.

Roberto Freire - O senhor acha que nós temos de ser mais bravos na briga com o neoliberalismo, ter uma ação mais heróica?

Dom Pedro Casaldáliga - Sim. Eu digo que a Igreja será cobrada amanhã porque não se posiciona bastante energicamente, bastante profeticamente contra o neoliberalismo. Assim como a Igreja pode ser cobrada hoje porque não se posicionou contra a escravidão, à época. E nenhuma escravidão no mundo tem sido mais cruel que o capitalismo neoliberal. Nenhuma escravidão fez mais escravos, nenhuma guerra tem feito mais

vítimas que o neoliberalismo mundializado, isso é evindêntissimo. Eu sou o primeiro a gritar. E sinto que deveria ser assim com a Igreja, os intelectuais, os artistas, cada um. Porque corremos um pouco o perigo de transferir a bandeira, o grito e o risco para as instituições. Mas as instituições somos nós. Eu sou a humanidade, eu sou a Igreja, eu sou o Brasil, eu sou a América Latina. Sou cada vez mais a favor da personalização. Assumir a responsabilidade. Eu sou eu, e sou insubstituível. Quem vai me substituir? Agora, ao mesmo tempo, uma personalização que é convivência, comunitariedade.

Enio Squeff - Não há dúvida que a ditadura é um fato na história do Brasil. O senhor acredita que hoje existe uma ditadura?

Dom Pedro Casaldáliga - O neoliberalismo é uma macroditadura. Além de ter o dinheiro, tem as armas. Quem produz as armas, de onde vêm as armas para a África? Quem está matando na África? O primeiro do mundo é o Grupo dos Sete, eles é que estão matando a África. O maior crime de toda a humanidade vai ser esse massacre africano, que estamos vendo e vivendo.

Roberto Freire - O senhor não acha que a Igreja tem sido muito utilizada pelo poder, e tem se deixado utilizar?

Dom Pedro Casaldáliga - Quanto mais poder perde a Igreja, mais dignidade e autoridade ganha. Evidentemente temos que ter uma certa infra-estrutura para trabalhar, tudo bem, somos humanos. Agora, o poder, a força, a prepotência... Por isso gostaria que o papa não fosse chefe de Estado, que o Vaticano fosse um reduto e tudo bem. O papa tem dois mil, três mil funcionários, poderia ter duzentos e bastava, e dava mais folga e mais corda às igrejas particulares, às conferências episcopais. Isso será um dia. Nós reclamamos agora de falta de sacerdotes. A mulher vai ser sacerdote, e bispo também, e papa. Não tem nada na fé cristã que impeça isso. As primeiras na Ressurreição foram mulheres, as primeiras que se encontraram com Jesus.

Ricardo Kotscho - Falando em mulheres sacerdotes, o senhor não acha o celibato um absurdo, não é antinatural?

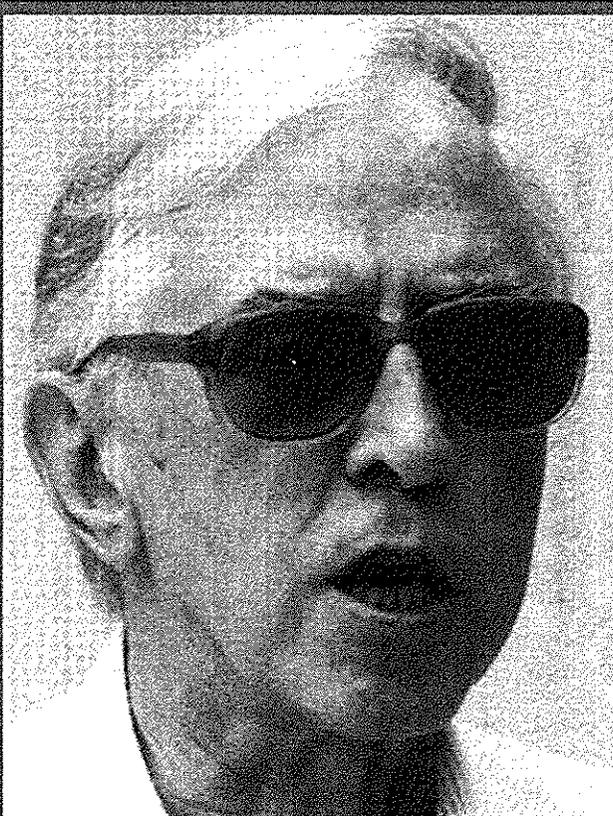
Dom Pedro Casaldáliga - Eu sou a favor do celibato opcional. Mas não nego o meu celibato. E virá um dia em que haverá sacerdócio célebre e sacerdócio casado. A vida religiosa, vamos distinguir, será célebre. Agora, a vida religiosa por opção, e eu sou religioso também, é pobreza, castidade e obediência. Isso já é um reduto voluntário, espontâneo, livre. O problema agora é que o celibato está vinculado ao sacerdócio. Alguém tem vocação ministerial de sacerdócio e não tem vocação de célebre, mas isso vai se modificar um dia.

Georges Bourdoukan - E como o senhor explica o ritual melquita, por exemplo, católico, que obedece ao papa e os padres casam normalmente?

Dom Pedro Casaldáliga - Porque é uma tradição anterior, que teve que ser respeitada para salvar uma certa unidade. São Pedro tinha sogra e foi o primeiro papa. Se tinha sogra quer dizer que era casado. *(risos)*

João de Barros - Dom Pedro, para que a humanidade precisa de igreja, sinagoga, mesquita?

Dom Pedro Casaldáliga - Não é que precisa, é que está nas entranhas da humanidade. É lógico que saia pelos poros da humanidade a expressão religiosa. O problema é que temos feito das religiões às vezes exércitos, às vezes empresas. Em vez de fazer das religiões mediações para encontrarmos Deus e nos encontrarmos fraternalmente como irmãos e irmãs, temos absolutizado a religião. Eu não acredito na religião, eu acredito em Deus. Compreende? É diferente. Infelizmente, as fés religiosas muito facilmente pecam de fundamentalismos. Assim como eu dizia que é muito fácil que as religiões pequem de secretismos, porque apelam a Deus, ao mistério, também é muito fácil que pequem por fundamentalismos,



“Nenhuma escravidão fez mais escravos, nenhuma guerra tem feito mais vítimas que o neoliberalismo mundializado”

porque apelam à radicalidade: antes, depois e sempre, a religião. Nesse sentido, quem ache que não tem religião pode ser mais livre.

João de Barro - Dom Pedro, como o senhor vê a sucessão presidencial?

Dom Pedro Casaldáliga - O Fernando Henrique tem o Congresso nas mãos, tem os meios de comunicação nas mãos, tem o império nas mãos também, é evidente. Agora, acho importante que haja um espaço de contestação, que haja um setor do povo que diga “Nós não estamos satisfeitos, somos capazes de sonhar, queremos outro tipo de governo, queremos outro tipo de sociedade”.

Sérgio de Souza - Esse governo o senhor acha que é mal-intencionado conscientemente?

Dom Pedro Casaldáliga - Ele tem consciência. E quem tem consciência tem que ter responsabilidade. E ele sabe que o Brasil não vai bem. Ele sabe que há fome no Brasil, ele sabe que há violência, ele é muito lúcido intelectualmente, e ele falou da dependência. Ele sabe que estamos vivendo numa macrodependência, maior do que aquela.

Georges Bourdoukan - E ele tem condições de resolver esse problema?

Dom Pedro Casaldáliga - Eu acho que ele, para ser bem honesto, não deveria ter entrado nunca num certo tipo de governo, se ele já previa que não podia ser livre. Não estou julgando como homem político. Eu acho que a gente tem que levar também a sua consciência a negar o que acha ruim.

João de Barros - Mas ele agora acredita em Deus.

Dom Pedro Casaldáliga - Sim, assim queira Deus. *(risos)* Eu é que sou ateu de muitos deuses. *(risos)* Eu acredito no Deus da vida, acredito no Deus da fraternidade universal, acredito no Deus da justiça, acredito no Deus da liberdade. Fernando Henrique, com todo o respeito, eu sou estran-

geiro, mas hoje é um dos chefes de governo que melhor serve ao neoliberalismo, pelo fato de pertencer a uma categoria intelectual, de ter um tipo de prestígio, por ter sido mais ou menos de esquerda. E tem inclusive um histórico que não é só latino-americano, é também europeu. O neoliberalismo não poderia encontrar uma figura mais apropriada.

João de Barros - Dom Pedro, nesses trinta anos no Araguaia, o que o senhor aprendeu com os índios?

Dom Pedro Casaldáliga - A primeira coisa que eu aprendi é a *ser*, mais do que a *fazer*, contrário ao relógio, olhar mais contemplativamente, esquecer um pouco as nossas produtividades, as nossas funcionalidades. Aprendi também que religião é a vida toda. O índio tapirapé quando planta amendoim faz um gesto religioso. Muitos indígenas da América Latina, quando dão um golpe de enxada na terra, pedem licença primeiro. Estão abrindo o corpo da mãe-terra, para poder semear livre. Depois eu aprendi que há muito mais religião no mundo do que eu pensava. A gente tem aprendido o respeito a esses processos históricos, às outras religiões, uma presença de Deus mais plural. Você pode viver cada vez com mais maturidade a sua própria identidade na medida em que você respeite com maturidade a identidade dos outros ou das outras. Eu sou catalão, e catalão é um pouco fabril e febril. Mas a gente aprende um pouco a esperar. Eu tenho um poeminha que diz “Saber esperar, sabendo que o tempo não existe já”. Então, saber esperar e ao mesmo tempo saber viver. Eu gostaria de terminar os meus dias assim, agitado, revolucionário, sonhador, e ao mesmo tempo bastante indígena. Olha, as palavras que talvez me definam mais são a palavra terra e a palavra paz.

Ricardo Kotscho - O senhor está fazendo setenta anos, daqui a cinco anos tem a aposentadoria compulsória do Vaticano, como o senhor imagina o seu futuro? Vai ficar o resto da vida em São Félix? Uma outra pergunta bem simples: o senhor continua morando na casa de adobe sem reboco, o Palácio Episcopal é o mesmo?

Dom Pedro Casaldáliga - Sim, sim. Eu me sinto muito bem, por isso tenho morado ali. É possível que eu morra antes, e evidente que não gostaria de morrer na cama, mas não ficaria em São Félix, sabe por quê? Porque outro bispo que viesse poderia se sentir pouco cômodo. Eu acho que um bispo, como um jogador de futebol, tem de saber se retirar em tempo. Não sei ainda o que vou fazer, porque gosto também de viver bastante o dia-a-dia. Eu tenho um poeminha que diz: “*Yo soy el día de hoy*”.

“Eu leio Caros Amigos”
Mino Carta, jornalista

